

* Pedro Baère de Faria
** Cláudio Laranjeira Brochado

Casteição, núcleo sepulcral de «Mosteiros»

Casteição é uma aldeia que pertence administrativamente ao concelho da Meda, distrito da Guarda, distando da sede de concelho cerca de 10 Km para Sudoeste (em linha recta).

Confina a Poente com as freguesias de Torre do Terranho e de Terranho (concelho de Trancoso), a Norte com as freguesias de Pai Penela e Prova, a Nascente com a freguesia de Carvalhal e a Sul com as freguesias de Valdujo e de Castanheira (concelho de Trancoso).

Casteição desenvolve-se longitudinalmente num acesso à Estrada Nacional 600 (Trancoso – Meda), contando com um número de habitantes que rondará as 300 almas, distribuídas por cerca de 180 fogos (Fig. 1).

A zona de Casteição é geologicamente dominada por maciços graníticos que conferem à terra uma configuração montanhosa caracterizada por encostas, nos sopés das quais surgem vales encaixados.

A Ribeira da Teja corre-lhe pela vertente Oeste, a cerca de 1 Km de distância, lançando-lhe generosas linhas de água, o mesmo cumprindo à região de Casteição, pela parte Sul, a Ribeira das Águas Vivas distante sensivelmente 2 Km; completando esta dádiva da natureza, a Oriente e a Norte, o Ribeiro do Aldeão, aproximadamente a 2 Km como a anterior.

Este conjunto de braços de água que se disseminam pelo terreno genericamente acidentado garante a Casteição e à sua zona envolvente o devido abastecimento doméstico de água, materializado pela fonte e pela irrigação agrícola a que não é alheia a presença frequente de poços.

A mancha verde de Casteição caracteriza-se pela presença do bosque onde medram o pinheiro, o carvalho e a giesta e pelos terrenos desbravados pela mão laboriosa do Homem (que lhes acrescentou espécies como a vinha, a oliveira, a amendoeira e o milho), onde se apascentam rebanhos de gado ovino em complementarização com as possibilidades que o *salтус* abre a esta actividade económica.

* Arqueólogo. Investigador do GEHVID.

** Aluno da licenciatura em História, variante Arqueologia da FLUP.

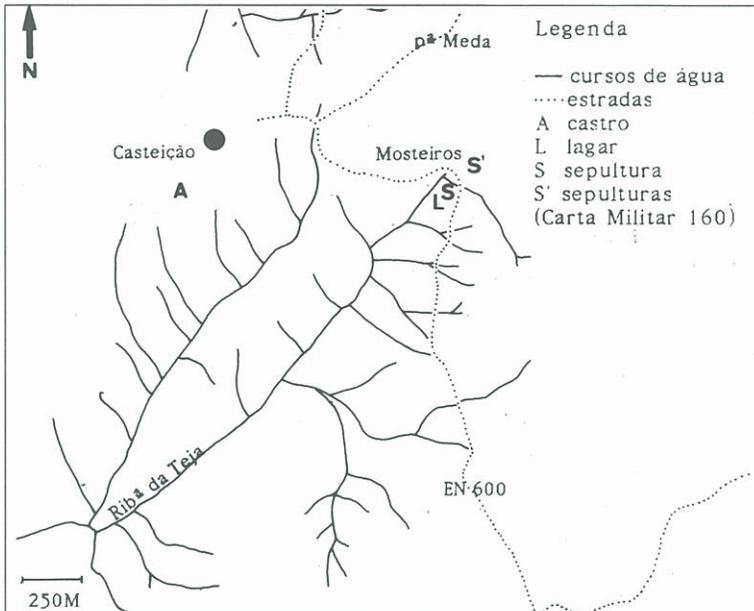


Fig. 1

Os vestígios mais recuados do povoamento de Casteição remontam à Época Castreja¹, da qual o cume mais a Sul da povoação guarda a memória, que os fragmentos de cerâmica doméstica testemunham, bem como os restos de construções presentes nas plataformas livres de penedia, no passado bem defendidas a Nascente pela vertente abrupta que aí se desenvolve.

A parte superior do castro constituía a acrópole, que actualmente se encontra encimada por um marco geodésico, em torno da qual há restos de uma muralha cujo perfil nos remete para uma ocupação posterior do mesmo local, em Época Medieval, corporizada numa atalaia.

Sabe-se que, em 1196 (30 de Julho), D. Sancho I concede foral a Casteição, segundo o modelo já usado para o de Trancoso². Este foral surge renovado em 1217 pela vontade de D. Afonso II³.

Como referência de inestimável valor artístico e histórico, existe no centro da aldeia um pelourinho da Época Manuelina.

Quem percorrer esta terra, próximo de 1 Km para Leste, no sentido Casteição – Trancoso, pela Estrada Nacional 600, deparará com um local de topónimo «Mosteiros», nome para o qual não se vislumbra explicação capaz, sítio onde a nossa actividade prospectiva deparou com uma muito bem talhada lagareta⁴, num

¹ SIÃO, José – *A Vila da Meda e o seu concelho*. 1996

² COSTA, P.e Avelino Jesus da – *Documentos de D. Sancho I*. Coimbra. p 152-156

³ SIÃO, José – o.c.

⁴ SIÃO, José – o.c.

generoso afloramento granítico. Esta lagareta encontra-se localmente associada a uma sepultura cavada na rocha. Este núcleo está situado praticamente na berma da estrada, do lado Sul.

Mais afastado dessa via, para Norte, avistou-se um outro conjunto de cinco sepulturas cavadas na rocha, formando um núcleo sepulcral cujos elementos constitutivos se lavraram em afloramentos graníticos pouco emergentes e copiosamente dissimulados pelo denso giestal que aí se desenvolve conjuntamente com alguns pequenos tufos de carvalhos, os quais perduram ao longo do caminho e nas partes mais elevadas das encostas envolventes.

O local onde se encontram tais achados é um pequeno vale encaixado entre duas encostas de desigual dimensão, sendo uma delas – a que se expande para Ocidente – aquela onde surge o «Alto da Forca», área muito pedregosa sobretudo na parte mais elevada. Da forca, a que se deve o topónimo, só subsistem os encaixes para os pilares. Encosta e vale foram em tempos recuados arados e agricultados, situação que tem vindo a decair com o abandono dos socalcos mais elevados. Essa situação estendeu-se também às poucas casas de arrumos e de recolha de animais que se encontram semi-derruídas e destelhadas. A componente agrícola ainda a perdurar é, sobretudo, a vinha que se encontra na parte mais baixa do vale, a Sudoeste da aldeia.

Sepultura 1

De todas é a que se encontra em pior estado de conservação, facto para o qual terá concorrido o tipo de granito da área onde se implanta, que é de grão grosso.

Apresenta uma configuração antropomórfica estilizada, sendo a sua orientação Sudeste/Noroeste (Est. I e II).

Medidas: comprimento – 1,72 m
largura da cabeceira – 0,53 m
largura dos pés – 0,38 m
profundidade média – 0,22 m

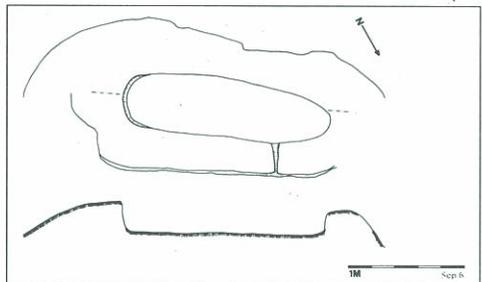
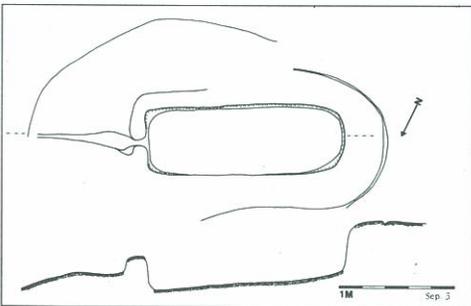
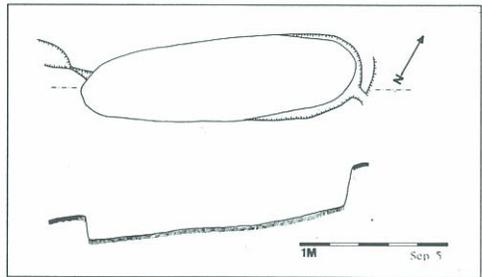
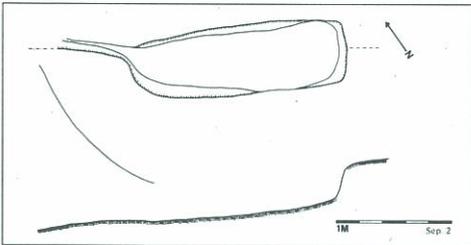
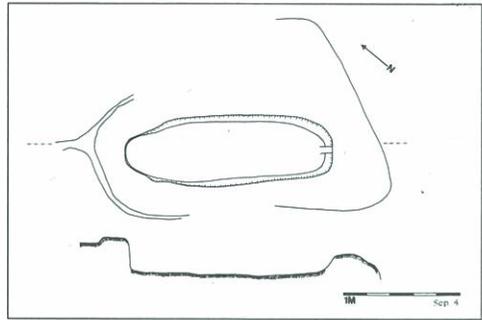
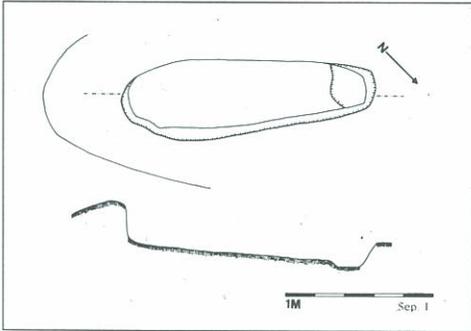
Sepultura 2

Este exemplar encontra-se em melhor estado de conservação do que o anterior, situação, no que toca este particular, razoável.

Possui um formato sub-trapezoidal, com rego de escoamento das águas rasgado no canto esquerdo. A sua orientação é Sudeste/Noroeste (Est. I e II).

Medidas: comprimento – 1,92 m
largura da cabeceira – 0,60 m
largura dos pés – 0,52 m
profundidade média – 0,20 m

EST. I

**Sepultura 3**

Esta sepultura persiste em bom estado de conservação. Tem uma forma subquadrangular, com rebordo à cabeceira, exibindo ainda um rego de escoamento das águas situado ao centro e perfurado. Apresenta uma orientação Oeste-Sudoeste/Este-Nordeste (Est. I e II).

Medidas: comprimento – 1,74 m
 largura da cabeceira – 0,60 m
 largura dos pés – 0,60 m
 profundidade média – 0,38 m

Sepultura 4

Com um bom estado de conservação, esta sepultura surge com uma configuração de tendência antropomórfica, com ombros arredondados; tem também um

EST. II



Sep. 1



Sep. 2



Sep. 3



Sep. 4



Sep. 5



Sep. 6

rebordo que acompanha a cabeceira, assim como um canal de escoamento das águas, ao centro, cuja perfuração apenas foi iniciada. A sua orientação é Noroeste/Sudeste (Est. I e II).

Medidas: comprimento – 1,80 m
 largura da cabeceira – 0,53 m
 largura dos pés – 0,55 m
 profundidade média – 0,24 m

Sepultura 5

Estando em bom estado de conservação, esta sepultura configura-se sub-trapezoidalmente, apresentando um rego de escoamento das águas perfurado e inclinado para a esquerda. Está orientada Este-Nordeste/Oeste-Sudoeste (Est. I e II).

Medidas: comprimento – 1,91 m
 largura da cabeceira – 0,47 m
 largura dos pés – 0,46 m
 profundidade média – 0,25 m

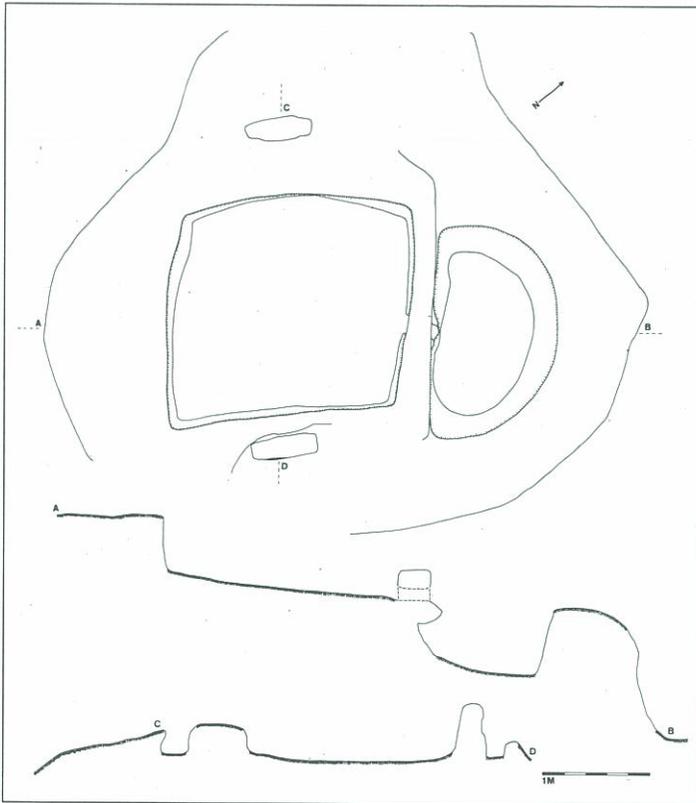


Fig. 2

Sepultura 6

Possuindo um bom estado de conservação, esta sepultura de formato sub-trapezoidal está acompanhada de um rebordo ao longo do seu lado esquerdo, ligado à sepultura por um rego superiormente colocado e que seguramente é estranho à feitura da mesma. Tem uma orientação Sudeste/Noroeste (Est. I e II).

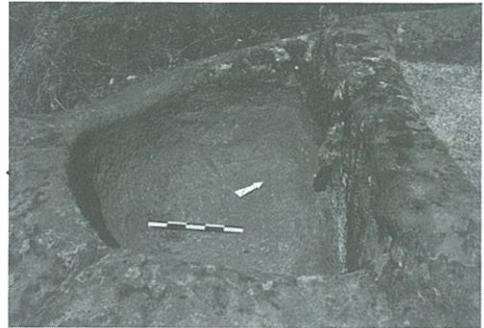
Medidas: comprimento – 1,80 m
 largura da cabeceira – 0,48 m
 largura dos pés – 0,43 m
 profundidade média – 0,22 m

Como mandam as regras, estas sepulturas – à imagem de outros núcleos sepulcrais similares estudados e alvo de publicação⁵ – estão próximas de um antigo caminho que, inflectindo para Poente, poderia, no passado, conduzir à

⁵ BARROCA, Mário Jorge – *Necrópoles e Sepulturas de Entre Douro e Minho (século V a XV)*. Porto: FLUP, 1987, p 128-129.



EST. IIIA



EST. IIIB

área onde se encontra a aldeia de Casteição e talvez, possuindo um pequeno acesso mais para Norte, levar ainda ao «Alto da Forca».

As sepulturas, sobretudo as cinco que mais facilmente se relacionam entre si, localizadas do lado Norte da actual via, escalonam-se sensivelmente paralelas umas às outras, em rocha de grão grosso, facto que levou ao erosionamento parcial de algumas delas, em particular naquela que se encontra deslocada bem próximo da lagareta. Esse posicionamento das cinco sepulturas a Norte, mais ou menos paralelas entre si, não significa que as suas orientações se apresentem segundo um esquema repetitivo. De facto, nem todas as sepulturas demonstram, nos seus alinhamentos com os pontos cardeais, um respeito óbvio pela orientação canónica. Nem todas se voltam para Oriente visando Jerusalém, excepção feita para o caso das sepulturas 3 e 4. Sublinhe-se que este pormenor reflecte, muitas vezes, a impossibilidade de se conciliar o respeito pelo canõne e o melhor aproveitamento dos afloramentos rochosos.

A inclinação para os pés é evidente em quase todas elas, excepção feita para as nº 4 e 6.

Para este tipo de conjuntos sepulcrais, a cronologia aproximada medeia entre os séculos IX e XI, ou um pouco mais tardia⁶. No entanto, só com a confirmação de outros elementos arqueológicos ou de índole documental, a este tempo ausentes da nossa pesquisa, se poderia ser mais preciso nesta questão.

A mesma problemática toma um carácter mais amplo e complexo no tocante à lagareta, a qual corresponde a uma tipologia de estruturas que possuem um amplo espectro temporal que pode oscilar entre o mundo romano e a Modernidade.

Esta lagareta apresenta uma forma sub-quadrangular, com fundo inclinado rematado por canal de drenagem para o pio⁷. Este é semi-circular com cavamento

⁶ BARROCA, Mário Jorge – *Necrópoles e Sepulturas de Entre Douro e Minho (século V a XV)*. Porto: FLUP, 1987, p. 111-113, 130 e 140.

⁷ ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de – *O Passado Arqueológico de Carlão-Alijó*. «Portugália». Porto: FLUP, Instituto de Arqueologia. Nova série, vol. XIII- XIV (1992/1993), p. 239.

central, possuindo uma profundidade média de 0,60 m e um perímetro na linha superior de 5,60 m, medidas que lhe garantem uma capacidade que rondará os 800 l. Por sua vez, o lagar conta com uma aresta média (medida total do perímetro dividida por 4) de 2,05 m e uma profundidade média com 0,42 m. Está ladeado por dois encaixes para assentamento das traves que suportavam a estrutura de prensagem da uva (Fig. 2; Est. III).

Se presentemente o perímetro de Casteição é terra votada ao cultivo da vinha, nada de absoluto sabemos no que toca ao passado, quer ele se refira a períodos bem mais recuados de que o castro de Casteição nos dá testemunho, ou para tempos mais imediatamente seguintes sob a égide da civilização romana e para os quais a produção vitivinícola é referência cultural obrigatória.

Fica-nos a lagareta, neste particular, como documento mudo que apenas nos permite alguma hipótese eivada de receio.

Somos então, obrigados a dar um salto no tempo e procurar construir um quadro sincrónico, eventualmente mais consistente, cuja base serão as sepulturas de «Mosteiros», a aldeia de Casteição com os seus vestígios de atalaia medieval, os forais de D. Sancho I e de D. Afonso II e uma vez mais, inevitavelmente, a lagareta.

A atalaia no cume que se ergue a Sul de Casteição prova-nos que, em tempos que poderão recuar à parte final da Alta Idade Média, ali se desenvolveu uma ocupação humana suficientemente importante e/ou capaz de erguer e sentir a necessidade de uma estrutura defensiva daquele tipo.

Legítimo será também acreditar que o núcleo sepulcral de «Mosteiros», que não dista mais de 1 Km (em linha recta) do alto onde se situa a atalaia, corporiza a vivência espiritual dessa gente, que em casais ou aldeia ocupavam o território nas suas áreas mais produtivas, daí tirando o seu sustento que os campos e os meios de produção, como a lagareta⁸ que o passado nos legou, lhes garantiam.

Desse passado vivo traçar-nos-ão uma ideia mais clara os dois forais referidos acima, numa linha de eventual continuidade que demonstra o sucesso da ocupação humana em Casteição nesses tempos recuados.

⁸ Em conversa com Ricardo Teixeira (GEHVID) foi-nos transmitida a ideia, a nosso ver oportuna, de que, quando surge uma sepultura(s) cavada na rocha associada a lagareta, é prudente e lógico considerar-se que as estruturas em questão não são contemporâneas. Tal pensamento decorre do facto de sermos levados a supor que a dignidade de um sepulcro não se compadece com a possibilidade deste se situar junto de um elemento do quotidiano, mesmo que este seja de suma importância. Este pensamento surge reforçado, uma vez que sabemos existirem sepulturas daquele tipo reaproveitadas como lagaretas. Assim, o nosso quadro sincronicamente traçado terá de ser alvo de leitura cuidadosa, sempre inserido no universo de uma construção hipotética, mas plausível.